

## MEMÓRIAS AFETIVAS:

### Os bordéis do Sobrado Dr. José Lourenço e seus personagens (1950-1970)

LUCIANA RODRIGUES DE OLIVEIRA<sup>1</sup>

O Sobrado Dr. José Lourenço<sup>2</sup> foi edificado na segunda metade do século XIX. Teve seu tombamento decretado pelo Governo do Estado do Ceará em 2004, por agregar características de importante valor histórico e arquitetônico, passando por processo de restauração de sua estrutura e sendo aberto à sociedade em 2007. Possui localização privilegiada no centro histórico e comercial de Fortaleza. O restauro além de preservar detalhes originais de sua estrutura, revelou fragmentos de pinturas e outras marcas ocultas sob sucessivas camadas de tinta que mostram características físicas dos antigos usos do lugar. Atualmente, as ações que estão sendo desenvolvidas na edificação estão voltadas à difusão e formação em artes visuais, sendo um importante espaço de exposições, palestras, oficinas e diversas outras atividades voltadas às experimentações artísticas.

Apesar de ser difundido como um centro aglutinador das artes, a grande maioria dos visitantes que chega ao Sobrado vai atraída pela parte física do prédio. Imponente, destaca-se em meio às lojas da Rua Major Facundo<sup>3</sup> e logo na entrada instiga questionamentos sobre suas antigas funções. Porém, este é um ramo ainda desconhecido: o restauro do Sobrado limitou-se à sua estrutura, tendo sua história repleta de lacunas deixadas pela pesquisa pautada apenas em documentos oficiais.

O prédio abrigou de consultório médico a repartições públicas, fábrica de sombrinhas, marcenaria, além de diversas casas comerciais até o funcionamento dos bordéis, que pelos depoimentos coletados, teve início na primeira metade dos anos 50. Um deles, a famosa pensão Marajá, ficou conhecido pelas belas mulheres e por receber como clientes ilustres personagens da sociedade fortalezense. Daí em diante, sucessivas

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE)

<sup>2</sup> O nome do Sobrado se refere ao seu primeiro proprietário Dr. José Lourenço de Castro e Silva (1808-1874). Primeiro cidadão cearense a se formar em medicina utilizou o casarão como residência e consultório. Foi deputado pela Assembleia Legislativa Provincial por três mandatos. Ficou conhecido pelos importantes trabalhos que desempenhou nos combates à epidemias recorrentes em Fortaleza na segunda metade do século XIX.

<sup>3</sup> Uma das principais ruas do Centro da cidade de Fortaleza, caracterizada pelo intenso fluxo comercial.

"casas de tolerância" se instalaram ali, até a decadência desses estabelecimentos no fim dos anos 70. Apesar do longo período, quando se pesquisa sobre o passado do Sobrado Dr. José Lourenço não é fácil encontrar documentos que tratem sobre a época dos bordéis, quando muito, são abordados nos relatórios de polícia, graças às ocorrências comuns nesses espaços, além das fichas de registro das prostitutas, necessárias para o ingresso nos bordéis, e que eram feitas nas delegacias. Mesmo com a falta de fontes escritas acerca dos bordéis do Sobrado, não há como negar ou diminuir a relevância dessa passagem na história da edificação, que também é digna de estudo e reflexão.

Condenados pela moralidade, estigmatizados pelo puritanismo, o bordel figura desde a Idade Média como uma forma de confinar a prostituição, encarada como uma ameaça aos bons costumes. São denominados "casas de tolerância", pois só existem graças a uma tolerância da polícia, fato que pode ser justificado pela idéia da prostituição como um "mal necessário", baseada na urgência do desejo sexual masculino. Ou como explica Margareth Rago a respeito das zonas de meretrício:

Na realidade, a existência de um espaço geográfico para a liberação das fantasias sexuais masculinas só poderia ser socialmente sancionada com a aceitação da idéia de que a sexualidade masculina era muito mais pressionante que a feminina, exigindo, portanto, um espaço especial para se manifestar livremente, sob pena de levar os homens à loucura. (RAGO, 2005: 109-118)

Com o desenvolvimento urbano de Fortaleza e antes da formação das zonas de meretrício em suas periferias, o Centro foi o lugar escolhido para abrigar esses locais. Como espaço democrático permitia o fácil acesso, tornando-se também palco de atividades transgressoras e construindo assim uma cultura ampla, muitas vezes não-condizente com a moralidade apregoada pelos códigos de postura. As zonas de prazer passaram do ápice ao declínio adequando-se à lógica urbana e deixando rastros na memória daqueles que as vivenciaram.

É importante ressaltar nesse estudo que durante muito tempo, a História esteve limitada a privilegiar os grandes acontecimentos políticos, elegendo seus personagens principais como destaques na produção historiográfica. Contudo, a partir dos anos 70, testemunhamos o surgimento de inovações teóricas e metodológicas, abrindo espaço para uma grande variedade de temas que até então não eram discutidos na História positivista. Essa abertura leva o historiador a questões ligadas ao cotidiano da

sociedade, vistos agora como agentes atuantes e transformadores da História, que incluem assuntos ligados a família, à saúde, à doença, à morte, à loucura, às mulheres, ao corpo entre outros. Rachel Soihet expõe esse período, ao exemplificar o estudo da categoria gênero:

A partir de 1970, a História Social unida à expansão da Antropologia histórica e a História das Mentalidades põem em questionamento o papel da família e da sexualidade, inaugurando uma nova conjuntura na qual a mulher conquista seu passado histórico. Com isso, os historiadores caracterizam as realções entre sexos, passando a utilizar a categoria gênero, compreendendo que a história da mulher passa necessariamente pelo estudo de sua relação com o homem. Sendo assim, homens e mulheres são definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão pode ser alcançada por um estudo separado. (SOHIET, 1997: 278-280)

Vale ressaltar ainda, que quando se fala em sexualidade é bom lembrar que os estudos acerca desse tema passaram também nesse período por um processo revolucionário, influenciado por Michel Foucault que abriu o caminho para maiores questionamentos sobre o caráter repressivo dos discursos sobre o sexo. Magali Engel quando fala na história da sexualidade, aponta dois caminhos para a sua abordagem:

O primeiro caminho orienta-se no sentido de uma história dos discursos sobre o sexo (...) o outro caminho aponta para uma história das vivências e do cotidiano da sexualidade, priorizando o estudo dos comportamentos reveladores dos variados usos do corpo. (ENGEL, 1997: 297-311)

É pelo segundo caminho que se orienta essa pesquisa. Afinal, quem são os personagens das famosas "histórias de bordéis" que cercam o Sobrado Dr. José Lourenço? Quem são as mulheres que ali moraram e tiraram seu sustento? E quem foram seus fiéis frequentadores? Como esses personagens vivem até hoje? Diante da atual conjuntura do lugar, quais as impressões dessas pessoas quando se deparam com o prédio restaurado?

Para responder essas questões é necessária uma convivência com esses personagens para se ter uma real dimensão de como se dava as relações dentro desses espaços, além de perceber como estão vivendo hoje os protagonistas desta história, e colher suas impressões pessoais sobre o período em questão, por meio da História Oral. Não é de hoje que se discute as dificuldades em se trabalhar com a oralidade na pesquisa histórica. "Sua especificidade está no próprio fato de se prestar a diversas abordagens, de se

desenvolver em um terreno pluridisciplinar." (FERREIRA, 2006). Propor uma experiência em História Oral, é aceitar o desafio de estar diante de vários discursos e interpretações diferentes sobre um mesmo fato, uma mesma situação, ou um mesmo lugar. Mais do que uma mera coleta de informações, é uma forma de estar mais próximo do objeto de estudo, através do contato com pessoas dispostas a expor seus testemunhos, descrições e considerações pessoais sobre o fato, nos permitindo, muitas vezes, uma clara visão do contexto em questão.

Quanto a esse ponto, vale ressaltar que a veracidade das informações não se configura como um objetivo principal desse estudo, o que nos possibilita driblar os argumentos daqueles que desqualificam essa prática.

Uma (...) abordagem no campo da história oral é aquela que privilegia o estudo das representações e atribui um papel central às relações entre memória e história, buscando realizar uma discussão mais refinada dos usos políticos do passado. Nessa vertente a subjetividade e as deformações do depoimento oral não são vistas como elementos negativos para o uso da história oral. Consequentemente, a elaboração dos roteiros e a realização das entrevistas não são essencialmente voltadas para a checagem das informações e para a apresentação de elementos que possam se constituir em contraprova, de maneira a confirmar ou contestar os depoimentos obtidos. As distorções da memória podem se revelar mais um recurso que um problema, já que a veracidade dos depoimentos não é a preocupação central. ." (FERREIRA, 2006)

Portanto, quando se fala em entender a dinâmica social de uma determinada época, o uso das entrevistas e seu devido registro são válidos, e podem ser utilizados para preencher lacunas deixadas pelos documentos oficiais, possibilitando assim o entendimento da trajetória de um grupo no qual os interlocutores estão inseridos. Através das memórias afetivas pessoais, cenários e personagens vão surgindo, permitindo-nos registrar fatos relevantes, facilitando o estudo de uma História recente e ainda em construção.

Esse estudo traz histórias como a de Rita<sup>4</sup>, ex-prostituta, 69 anos de idade e 75 nos documentos.<sup>5</sup> Ainda criança, aos 10 anos, fugiu da casa do pai em Camocim, no interior do Ceará, vindo para Fortaleza onde trabalhou inicialmente como doméstica. Não se adequando, fugiu novamente aos 12 anos, ganhando as ruas e trabalhando em praticamente todas as áreas de meretrício da cidade, desde os famosos bordéis dos anos 50 até as mediações das zonas portuárias. Lembra-se nitidamente e descreve com

---

<sup>4</sup> Optamos por trocar os nomes dos entrevistados.

<sup>5</sup> Para ingressar nos bordéis teve que se registrar na polícia, mentindo ter 19 anos, quando tinha apenas 13.

detalhes o período em que morou no Sobrado Dr. José Lourenço, quando este ainda abrigava a pensão Marajá. Cita nomes de clientes, colegas de profissão e cafetinas. Hoje, vive da aposentaria, dividindo a pequena casa de dois cômodos com um filho adotivo e doente mental.<sup>6</sup>

Sua fragilidade aparente oculta uma personalidade misteriosa e desconfiada. Nas primeiras conversas estava sempre com uma faca de mesa nas mãos. Característica talvez remanescente da vida nas ruas como vamos expor em diante. Nas conversas, Rita diverte-se quando fala da época do meretrício, fechando sorriso apenas quando aborda as surras que levou, as doenças que pegou ou suas decepções amorosas. Além de contribuir com seu depoimento, ela ainda nos apresentou a outras duas ex-prostitutas do mesmo período, que também nos ajudam nesse estudo cedendo entrevistas.

A pesquisa também ressalta o papel do cliente. Afinal, sem ele não há prostituição, não há mercado do sexo, não há os circuitos de venda de prazer. Se hoje os frequentadores de bordéis em sua grande maioria referem-se às prostitutas como mera figura carnal, nas entrevistas realizadas com clientes do período trabalhado, percebemos uma ligação afetiva presente dos relatos. Nessa época era ainda mais comum a iniciação sexual masculina nesses estabelecimentos, fato que pode justificar a nítida emoção com que falam das "mulheres de pensão". Em nenhum momento esses homens se referem a elas como "prostitutas" ou qualquer termo pejorativo, ficando em seu lugar o "meninas", vocativo se não carinhoso, no mínimo respeitável. Presenciamos lágrimas e discursos empolgados, a rotina noturna dos bordéis, seus bailes, e serviços descritos de forma ávida e detalhada. O entrevistado caminha pelas salas do prédio restaurado tentando reconstituir mentalmente os antigos usos de cada cômodo, nos fazendo perceber o quanto lhes foi marcante suas experiências pessoais naquele lugar.

Um deles é Carlos Nogueira<sup>7</sup>, professor universitário aposentado, foi um dos primeiros a ceder uma entrevista e certamente um dos mais emocionados com esse exercício de memória. Aos 78 anos, tímido e cuidadoso com as palavras, remontou a época em que frequentou o estabelecimento, quando ainda estudante conheceu a vida sexual no pequeno aposento localizado no terceiro andar do Sobrado, na época pensão Ubirajara. Demonstrando extrema compaixão por essas mulheres, as descreve como

---

<sup>6</sup> Filho de outra prostituta, que abandonou a criança devido à doença.

<sup>7</sup> Optamos por trocar os nomes dos entrevistados.

sofredoras, pelo trabalho sacrificado e pelas humilhações cotidianamente sofridas, principalmente quando os bordéis do centro fecharam e elas tiveram que trabalhar na rua.

Esse período do declínio das pensões do centro da cidade também é relevante para a pesquisa. Tanto nas falas das ex-prostitutas como na dos ex-clientes, essa época está presente como um período bastante penoso. Os estabelecimentos embora de segurança frágil, davam a proteção necessária que elas não tinham nas ruas. Fora deles, as moças estavam à mercê de todo tipo de perigo, o que as fizeram desenvolver mecanismos de defesa que em alguns casos as deixavam violentas e perigosas.

Eu só andava com uma faquinha de serra. Dessas de cortar pão, sabe? Enfiada no cós da saia. Quando num (sic) era isso, era um gilete amarrado com retalho entre os dedos. Na rua eu tava sozinha, ninguém ia me acudir não."<sup>8</sup>

Os clientes também ressaltam essa imagem perigosa das meretrizes de rua: *Na época vi uma que só andava com um gilete debaixo da língua. Dessas eu tinha medo.* , diz Jonas Silveira, também antigo frequentador.

Assim como Carlos e Jonas, também temos como fonte o Sr. Raimundo Matos que trabalhou como garçom na pensão Marajá, onde também morava, em um pequeno cômodo localizado nos fundos do Sobrado, hoje usado como reserva técnica da instituição.

Ao todo, são (até agora) onze senhores que aceitaram colaborar com a pesquisa. Portanto, é inegável a importância desses depoimentos. O estudo da cultura dos bordéis de Fortaleza entre os anos 50 e 70, nos permite analisar dados comportamentais do período e ainda fazer comparações com a contemporaneidade. A escolha por aqueles que funcionaram no Sobrado Dr. José Lourenço, foi feita por achar importante um estudo mais aprofundado do passado desta edificação que hoje ainda conserva marcas do período em sua estrutura física, despertando curiosidade e questionamentos em seus frequentadores atuais.

Para o embasamento teórico da pesquisa abordamos algumas questões construídas acerca do meretrício tanto pela historiografia internacional como a brasileira. Mas, antes, convém esclarecer que a exposição das problemáticas levantadas

---

<sup>8</sup> Trecho de um dos depoimentos de Rita.

pelos autores selecionados neste estudo contribui para a nossa investigação na medida em que podemos articulá-los com os depoimentos e a documentação disponível. Nesse sentido, compreendemos a teoria como um exercício de diálogo permanente entre a historiografia e as informações coletadas sejam elas orais ou documentais, pois é através dessa relação que elaboramos nossas problemáticas e construímos o método de trabalho na narrativa.

A partir disso, podemos citar alguns dos autores e obras que são trabalhados como Laure Adler e sua obra **Os bordéis Franceses** que aborda as atividades erótico-comerciais na França entre os séculos XIX e XX. Com sensibilidade, Adler trabalha o cotidiano das mulheres de bordéis revelando um universo de relações humanas que reproduzem as mesmas regras de poder e submissão que estão presentes em outras esferas da cultura burguesa.

Também utilizamos a produção da historiadora Margareth Rago, da qual selecionamos as obras: **Os prazeres da noite - Prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo** e **Do cabaré ao lar - A utopia da cidade disciplinar**. A primeira, resultado da tese de doutorado da autora remonta a relação da sociedade paulistana com o meretrício no período de 1900 a 1930, enquanto a segunda trata dos problemas urbanísticos provocados pelo crescimento das cidades na década de 1930 e as tentativas de saná-los através das estratégias de disciplinarização do proletariado, que era visto como principal responsável pelos problemas de urbanismo da época.

As obras de Michel Foucault, **História da Sexualidade** - volumes I e II, onde o autor inaugura um novo discurso recusando a hipótese de que a sexualidade é reprimida pelo sistema, ou seja, o poder não é mostrado como meramente opressor pois seu alcance é muito maior, ele extrapolou seus limites a partir do século XVIII criando novas formas de dominação e nos submetemos a múltiplas formas de poder. Essa abordagem sobre o poder se mostra extremamente relevante quando se fala na história da sexualidade.

Dizendo poder, não quero significar 'o poder', como um conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um estado determinado. Também não entendo poder como um modo de sujeição que, por oposição à violência, tenha a forma de regra. Enfim, não o entendo como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre o outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessem o corpo social inteiro. A análise em termos de poder não deve postular, como dados iniciais,

a soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas e, antes de mais nada, suas formas terminais. Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 1993)

O livro **Usos e Abusos da História Oral** com organização de Marieta de Moraes e Janaína Amado, nos traz uma série de artigos que levantam questões sobre o uso da oralidade na pesquisa histórica e nos orienta sobre este método que escolhemos utilizar neste trabalho.

Por último, temos a obra **O cliente - o outro lado da prostituição** de Inar de Souza, que traz a experiência da pesquisadora, que enquanto ajuda a realizar campanhas contra as DST's dentro dos bordéis, realiza a pesquisa com enfoque no cliente, o agente prostituidor, o "corpo que deseja" descrevendo seu perfil e sua busca por novas experiências. A obra além de trazer histórias inusitadas, proporciona uma reflexão sobre o que é "normal" e o que é "diferente" na relação entre prostituta-cliente, encaixando-os não como pólos antagônicos mas como norteadores do comportamento humano.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

ADLER, Laure. *Os bordéis franceses (1830 – 1930)*. Trad. Kátia Maria Orberg e Eliane Fitippaldi Pereira. São Paulo: Ed. Companhia das Letras / Círculo do Livro, 1991. 217 p.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1999. 160 p.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008

COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura*. Corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Col.

Memória e Sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e a prostituição na cidade do Rio de Janeiro (1849-1890)*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.



- FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 8ªed. 2006
- FREITAS, Renan Springer de. *Bordel, bordéis: negociando identidades*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1985.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1951.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GASPAR, Maria D.. *Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar Editor, 1985.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1988.
- LAGENEST, H. D. Barruel de. *Lenocínio e prostituição no Brasil*. Estudo sociológico. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1960.
- RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar*. A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1985.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1985.
- ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1992. 434 p.
- ROSSIAUD, Jacques. *A Prostituição na Idade Média*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1991.
- SOUZA, Francisca Inar de. *O cliente*. O outro lado da prostituição. Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto, 1998. 160 p.
- VAINFAS, Ronaldo. (Org.). *História e sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.